

# *Mensagem a Garcia*

Elbert Hubbard



O mundo mudou...



...Entretanto, a obra Mensagem a Garcia, mesmo tendo sido escrita há mais de um século, continua atual.

Se usarmos como referência o ano judaico, podemos dizer que o mundo tem 5.760 anos, o que com certeza, não é pouco. E segundo alguns historiadores, apenas 20% dos grandes inventos que temos hoje surgiram nos primeiros séculos; 80% de tudo o que há de mais genial apareceu no século XX. E nos últimos dez anos, então, não há quem discorde que as mudanças estão acontecendo em uma velocidade incrível.



Apesar de termos saído da “Era Industrial” e adentrado na “Era do Conhecimento” quase automaticamente, as empresas, entidades, o sistema, a dinâmica do mundo, precisa e sempre precisará de um Rowan, personagem central do Mensagem a Garcia, pois aquele que não assumir esta personalidade, será automaticamente marginalizado deste novo contexto.

**A Diretoria**

**Doc Contabilidade Empresarial**



“Ajude o seu cliente a ganhar dinheiro. Sempre que ele ganhar, você ganhará; portanto, vá ao cliente para por dinheiro [dar lucros] no bolso dele, e não para tirar.”



*Extraído do livro: Momentos de Sabedoria em Vendas*  
*Eduardo Botelho*



## Apologia ao Autor

Esta insignificância literária, Uma Mensagem a Garcia, escrevi-a em uma noite, depois do jantar, em uma hora. Foi a 22 de fevereiro de 1899, aniversário natalício de Washington, e o número de março da nossa revista “Philistine” estava prestes a entrar no prelo. Encontrava-me com disposição para escrever, e o artigo brotou espontâneo do meu coração, redigido, como foi, depois de um dia afanoso, durante o qual tinha procurado convencer alguns moradores um tanto renitentes do lugar de que deviam sair do estado comatoso em que se compraziam, esforçando-me por inculcar-lhes radioatividade.



A ideia original, entretanto, veio-me de um pequeno argumento ventilado por meu filho Bert, ao tomarmos café, quando ele procurou sustentar ter sido Rowan o verdadeiro herói da Guerra de Cuba. Rowan pôs-se a caminho só e deu conta do recado – levou a mensagem a Garcia. Qual centelha luminosa, a ideia assenhorou-se de minha mente. É verdade, disse comigo mesmo, o rapaz tem toda razão, o herói é aquele que dá conta do recado - leva a mensagem a Garcia.

Levantei-me da mesa e escrevi “Uma Mensagem a Garcia” de uma assentada.



Entretanto, liguei tão pouca importância a este artigo que até foi publicado na Revista em qualquer título. Pouco depois da edição ter saído do prelo, começaram a afluir pedidos para exemplares adicionais do número de março da “Philistine”: uma dúzia, cinquenta, cem, e quando a American News Company encomendou mais de mil exemplares, perguntei a um dos meus empregados qual artigo havia levantado o pó cósmico.

- “Esse de Garcia” – retrucou ele.

No dia seguinte chegou um telegrama de George H. Daniels, da Estrada de Ferro Central de Nova York, dizendo: “Indique o preço para cem mil exemplares artigo Rowan, sob forma de folheto, com anúncios estrada de ferro no verso. Diga também até quando pode fazer entrega.”





Respondi indicando o preço e acrescentando que podia entregar os folhetos dali dois anos. Dispúnhamos de facilidades restritas e cem mil folhetos afiguravam-se-nos um empreendimento de monta.

O resultado foi que autorizei o Sr. Daniels a reproduzir o artigo conforme lhe aprouvesse. Fê-lo então em forma de folhetos e distribuiu-os em tal profusão que duas ou três edições de meio milhão se esgotaram rapidamente. Além disso, foi o artigo reproduzido em mais de duzentas revistas e jornais. Tem sido traduzido, por assim dizer em todas as línguas faladas.

Aconteceu que, justamente quando o Sr. Daniels estava fazendo a distribuição da “Mensagem a Garcia”, o Príncipe Hilakoff, Diretor das Estradas de Ferro Russas, se encontrava nesse país.



Era hóspede da Estrada de Ferro Central de Nova York, percorrendo todo o país acompanhando o Sr. Daniels. O príncipe viu o folheto, que o interessou, mais pelo fato de ser o próprio Sr. Daniels quem o estava distribuindo em tão grande quantidade que, propriamente, por qualquer outro motivo.

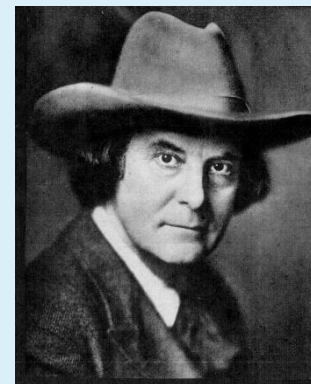
Como quer que seja, quando o príncipe regressou à sua pátria mandou traduzir o folheto para russo e entregar um exemplar a cada empregado da estrada de ferro na Rússia. O breve trecho foi imitado por outros países; da Rússia, o artigo passou para Alemanha, França, Turquia, Hindostão e China. Durante a guerra entre Rússia e o Japão, foi entregue um exemplar de “Mensagem a Garcia” a cada soldado russo que se destinava ao “front”.



Os japoneses, ao encontrarem os livrinhos em poder dos prisioneiros russos, chegaram à conclusão de que havia de ser coisa boa e não tardaram em vertê-lo para o japonês. Por ordem do Mikado foi distribuído um exemplar a cada empregado, civil ou militar, do Governo Japonês.

Para cima de quarenta milhões de exemplares de “Uma Mensagem a Garcia” têm sido impressos, o que é sem dúvida a maior circulação, jamais atingida por qualquer trabalho literário durante a vida do autor, graças a uma série de circunstâncias felizes.

– E.H. East Aurora, Dezembro 1, 1913.



## UMA MENSAGEM A GARCIA



Em todo este caso cubano, um homem se destaca no horizonte de minha memória como o planeta Marte no seu periélio. Quando irrompei a guerra entre a Espanha e os Estados Unidos, o que importava a estes era comunicar-se rapidamente com o chefe dos insurretos, Garcia, que se sabia encontrar-se em alguma fortaleza do interior do sertão cubano, mas sem que se pudesse precisar exatamente onde.



Era impossível comunicar-se com ele pelo correio ou pelo telégrafo. No entanto, o Presidente tinha que tratar de assegurar-se da sua colaboração, e isto o quanto antes. Que fazer?

Alguém lembrou ao Presidente: “Há um homem chamado Rowan; e se alguma pessoa é capaz de encontrar Garcia, há de ser Rowan.” Rowan foi trazido à presença do Presidente, que lhe confiou uma carta com a incumbência de entregá-la a Garcia. De como este homem, Rowan, tomou a carta, meteu-a num envócrulo impermeável, amarrou-a sobre o peito, e, após quatro dias, saltou, de um barraco sem cobertura, alta noite, nas costas de Cuba; de como se embrenhou no sertão, para, depois de três semanas, surgir do outro lado da ilha, tendo atravessado a pé um país hostil entregando a carta a Garcia – são coisas que não vem ao caso pormenorizadamente.



O ponto que desejo frisar é este: Mac Kinley deu a Rowan uma carta para ser entregue a Garcia; Rowan pegou a carta e em sequer perguntou: “Onde é que ele está?”

Hosana! Eis aí um home cujo busto merecia ser fundido em bronze imarcescível e sua estátua colocada em cada escola do país. Não é de sabedoria livresca que a juventude precisa, nem de instrução sobre isso ou aquilo. Precisa, sim, de um endurecimento das vértebras, para poder mostrar-se ativo no exercício de um cargo; para atuar com diligência para dar conta do recado; para, em suma, levar uma mensagem a Garcia. O General Garcia já não é deste mundo, mas há outros Garcias.



A nenhum homem que se tenha empenhado em levar avante uma empresa, em que a ajuda de muitos se torne precisa, tem sido poupados momentos de verdadeiro desespero ante a imbecilidade de grandes números de homens, ante a inabilidade ou falta de disposição de concentrar a mente numa determinada coisa e fazê-la.

Assistência irregular, desatenção tola, indiferença irritante e trabalho mal feito parecem ser a regra geral. Nenhum homem pode ser verdadeiramente bem sucedido, salvo se lançar mão de todos os meios ao seu alcance, quer da força, quer do suborno, para obrigar outros homens a ajudá-lo, a não ser que Deus Onipotente, na sua grande misericórdia, faça um milagre enviando-lhe como auxiliar um anjo de luz.



Leitor amigo, tu mesmo podes tirar a prova. Estás sentado no teu escritório, rodeado de meia dúzia de empregados. Pois bem, chama um deles e pede-lhe: "Queira ter a bondade de consultar a enciclopédia e de me fazer uma descrição sucinta da vida de Corregio".

Dar-se-á o caso de o empregado dizer calmamente:

"Sim, Senhor" e executar o que se lhe pediu?





Nada disso! Olhar-te-á perplexo e de soslaio para fazer uma ou mais das seguintes perguntas:

Quem é ele? Que enciclopédia? Onde é que está a enciclopédia?

Fui eu acaso contratado para fazer isso? Não quer dizer Bismark?

E se Carlos o fizesse? Já morreu? Precisa disso com urgência?



Não será melhor que eu traga o livro para que o Sr. mesmo procure o que quer?

Para que quer saber isso? E aposto dez contra um que, depois de haveres respondido a tais perguntas e explicado a maneira de procurar os dados pedidos e a razão por que deles precisas, teu empregado irá pedir a um companheiro que o ajude a encontrar Garcia, e depois voltará para te dizer que tal homem não existe. Evidentemente, pode ser que eu perca a aposta; mas, segundo a lei das médias, jogo na certa.

Ora, se fores prudente, não te darás ao trabalho de explicar ao teu "ajudante" que Corregio se escreve com "C" e não com "K", mas limitar-se-ás e procurarás tu mesmo.



E esta incapacidade de atuar independentemente, esta inépcia moral, esta invalidez de vontade, esta atrofia de disposição de solicitadamente se pôr em campo e agir - são as coisas que recuam para um futuro tão remoto o advento do socialismo puro. Se os homens não tomam a iniciativa de agir em próprio proveito, que farão quando o resultado do seu esforço redundar em benefício de todos? Por enquanto, parece que os homens ainda precisam de ser feitorados.

O que mantém muito empregado no seu posto e o faz trabalhar é o medo de, se não o fizer, ser despedido no fim do mês. Anuncia precisar de um taquígrafo, e nove entre dez candidatos à vaga não saberão ortografar nem pontuar - e, o que é mais, pensam que não é necessário sabê-lo.



Poderá uma pessoa destas escrever uma carta a Garcia?

Vê aquele guarda-livros -,  
dizia-me o chefe de uma grande fábrica.

"Sim, que tem?"



É um excelente guarda-livros. Contudo, se eu o mandasse fazer um recado, talvez se desobrigasse da incumbência a contento, mas também podia muito bem, ser que no caminho entrasse em duas ou três casas de bebidas e que, quando chegasse ao seu destino, já não se recordasse da incumbência que lhe fôra dada"



Será possível confiar-se a tal homem uma carta para entregá-la a Garcia?

Ultimamente temos ouvido muitas expressões sentimentais, externando simpatia para com os pobres entes que mourejam de sol a sol, para com os infelizes desempregados à cata de trabalho honesto, e tudo isto, quase sempre, entremeado de muita palavra dura para com os homens que estão no poder.

Nada se diz do patrão que envelhece antes do tempo, num baldado esforço para induzir eternos desgostosos e descontentes a trabalhar conscientemente; nada se diz de sua longa e paciente procura de pessoal, que, no entanto, muitas vezes nada mais faz do que "matar o tempo", logo que ele volta as costas.



Não há empresa que não esteja despedindo pessoal que se mostra incapaz de zelar pelos seus interesses, a fim de substituí-lo por outro mais apto. Este processo de seleção por eliminação está-se operando incessantemente, em tempos adversos, com a única diferença que, quando os tempos são maus e o trabalho escasseia, a seleção se faz escrupulosamente, pondo-se fora, para sempre, os incompetentes e os inaproveitáveis. É a lei da sobrevivência do mais apto.

Cada patrão, no seu próprio interesse, trata somente de guardar os melhores - aqueles que podem levar uma mensagem a Garcia.



Conheço um homem de aptidões realmente brilhantes, mas sem a fibra precisa para gerir um negócio próprio e que ademais se torna completamente inútil para qualquer outra pessoa, devido a suspeita insana que constantemente abriga de que seu patrão o esteja oprimindo ou tenciona oprimi-lo.

Sem poder mandar, não tolera que alguém o mande. Se lhe fosse confiada uma mensagem à Garcia, retrucaria provavelmente: "Leve-a você mesmo".



Hoje este homem perambula errante pelas ruas em busca de trabalho, em quase petição de miséria. No entanto, ninguém que o conheça se aventura a dar-lhe trabalho porque é a personificação do descontentamento e do espírito de réplica.



Refratário a qualquer conselho ou admoestação, a única coisa capaz de nele produzir algum efeito seria bom pontapé dado com a ponta de uma bota de número 42, sola grossa e bico largo.





Sei, não resta dúvida, que um indivíduo moralmente aleijado, como este, não é menos digno de compaixão que um fisicamente aleijado.

Entretanto nesta demonstração de compaixão vertamos também uma lágrima pelos homens que se esforçam por levar avante uma grande empresa, cujas horas de trabalho não estão limitadas pelo som do apito e cujos cabelos ficam prematuramente encanecidos na incessante luta em que estão empenhados contra a indiferença desdenhosa, contra a imbecilidade crassa e a ingratidão atroz, justamente daqueles que, sem o seu espírito empreendedor, andariam famintos e sem lar.



Dar-se-á o caso de eu ter pintado a situação em cores demasiadamente carregadas? Pode ser que sim; mas, quando todo mundo se apraz em divagações, quero lançar uma palavra de simpatia ao homem que imprime êxito a um empreendimento, ao homem que, a despeito de uma porção de empecilhos, sabe dirigir e coordenar os esforços de outros, e que, após o triunfo, talvez verifique que nada ganhou, nada salvo a sua mera subsistência.

Também eu carreguei marmitas e trabalhei como jornaleiro, como, também tenho sido patrão. Sei, portanto, que alguma coisa se pode dizer de ambos os lados.



Não há excelência na pobreza de per si, farrapos não servem de recomendação. Nem todos os patrões são gananciosos e tiranos, da mesma forma que nem todos os pobres são virtuosos.

Todas as minhas simpatias pertencem ao homem que trabalha conscienciosamente, quer o patrão esteja, quer não. E o homem que, ao lhe ser confiada uma carta para Garcia, tranquilamente toma a missiva, sem fazer perguntas idiotas, e sem a intenção oculta de jogá-la na primeira sarjeta que encontrar, ou praticar qualquer outro feito que não seja entregá-la ao destinatário, este homem nunca fica "encostado", nem tem que se declarar em greve para forçar um aumento de ordenado.



A civilização busca ansiosa, insistentemente, homens nestas condições. Tudo que tal homem pedir, se lhe há de conceder. Precisa-se dele em cada cidade, em cada vila, em cada lugarejo, em cada escritório, em cada oficina, em cada loja, fábrica ou venda.

O grito do mundo inteiro praticamente se resume nisso: Precisa-se, e precisa-se com urgência de um homem capaz de levar uma mensagem a Garcia.

